

**PERCORRENDO OS CAMINHOS DA MORTE: UMA REFLEXÃO SOBRE A  
PERSONIFICAÇÃO DA MORTE EM A *MENINA QUE ROUBAVA LIVROS***

Luciano Dias de Sousa (Mestrando da UENF)  
Elaine Santana de Souza (Mestranda da UENF)

**Resumo:** Este artigo pretende fazer uma análise acerca do papel da literatura na sociedade tendo como base o romance *A menina que roubava livros* de Markus Zusak, apreendendo nossas ideias em torno da personificação da Morte em que o autor faz em sua construção narrativa. A Morte narra a história ao mesmo tempo em que leva o leitor ao pensamento crítico das relações acerca do ser humano na sociedade e o momento de partida, ou seja, da morte. Nossa base teórica é a crítica literária e a história.

**Palavras-chave:** concepção de morte, literatura, narrativa

**Abstract:** This article sets out to take on the role of literature in society based on the novel *The book thief* Markus Zusak, seizing our ideas around the personification of Death in which the author makes in his narrative construction. Death tells the story while leading the reader to critical thinking about the relationship of human beings in society and the time of departure, ie, death. Our theoretical basis is literary criticism and history.

**Keywords:** conception of death, literature, narrative

## **1. Considerações iniciais**

A literatura é uma arte, uma manifestação estética de grande valor. E como toda arte, possui um objeto estético, aquilo que está presente no mundo e que pode ser recriado. A literatura recria o mundo através das palavras. É por isso que grandes autores costumaram enunciar a literatura como a arte da palavra.

Para Candido (2000) a grandeza da literatura ou de uma obra, depende de sua relativa intemporalidade e universalidade, e estas dependem por sua vez da função total que é capaz de exercer desligando-se dos fatores que a prendem ao tempo e lugar determinado.

A literatura desperta o indivíduo para o mundo fazendo que desenvolva o pensamento crítico, que questione as amarras ideológicas. A leitura crítica e reflexiva pode libertar o leitor de seus pensamentos pré-concebidos fazendo com que passe a enxergar uma nova percepção das coisas e do mundo.

Em *A menina que roubava livros*, obra literária do escritor Markus Zusak, foi publicada em 2005, no Brasil chegou em 2007. A obra é sobre Liesel Meminger, uma garota que encontra a morte três vezes entre 1939 a 1943 na Alemanha nazista. A obra é uma história sensível sobre uma menina que é salva pelos livros. A protagonista da narrativa cresceu em meio à guerra e aprende a pensar por si mesma e a preservar sua generosidade graças ao seu hábito de roubar e ler os mais diversos livros.

O resultado do sucesso do livro rendeu uma adaptação para o cinema no final de 2013. O romance ganhou vários prêmios e tornou-se um best-seller em vários países e permaneceu na lista dos mais vendidos por mais de 200 semanas.

O romance além de retratar o nazismo na Alemanha e a sensibilidade de uma menina diante a descoberta das palavras, coloca a Morte como personagem, narradora e observadora do ser humano num momento em que a guerra mostra o que há de pior nas pessoas, condenadas a própria morte.

A experiência com a morte é uma situação que faz parte do cotidiano de todo ser humano, ela nos faz pensar na capacidade de enfrentarmos uma situação trágica. Falar de morte nos remete a pensar na vida, a pensar sobre como temos vivido. A morte e os supostos sentidos que culturalmente está relacionada a ela são, historicamente, fonte de inspiração e discussão para doutrinas filosóficas e religiosas, bem como uma inesgotável fonte de temores, angústias e ansiedades para os seres humanos.

Além disso, existem identificações da morte com figuras diabólicas, com seres aterrorizantes, com face de caveira, ligada desintegração e dissolução. Como a morte torna-se personagem e ganha ironicamente vida e voz no romance?

Assim, a personificação da morte será um dos elementos que constituirá nossa análise. Também faremos apontamentos de como se dá a relação do homem e morte, e como ela foi retrata em alguns momentos pela literatura.

## **2. Narrativa e História**

A palavra narrativa é vem do latim e quer dizer conhecer e transmitir informações. A narrativa está para o homem desde o momento que consegue compreender a fala e fornece aos indivíduos uma ferramenta, para aprender e ensinar uns aos outros. Estamos constantemente narrando acontecimentos, contando sobre eventos que assistimos, participamos e sobre os quais ouvimos falar.

Para Gancho (2006), toda narrativa se estrutura sobre cinco elementos, sem os quais ela não existe. Sem os fatos não há história, e quem vive os fatos são as personagens, num determinado tempo e lugar. Mas, para ser prosa de ficção, é necessária a presença do narrador, pois é ele fundamentalmente quem caracteriza a narrativa. Os fatos, as personagens, o tempo e o espaço existem, por exemplo, num texto teatral, para o qual não é essencial a presença do narrador. Já no conto, no romance, ou na novela, o narrador é o elemento organizador de todos os outros componentes, o intermediário entre aquilo que é narrado (a história) e o autor, entre o narrador e o leitor.

Uma narrativa literária justifica-se em um fato ficcional, isto é, não há a necessidade de um vínculo com o real, com a busca pelo mais próximo possível ao que de fato se sucedeu. Assim, afirma Proença Filho (2007) que os moldes consagrados pela tradição, a narração pode ser conduzida por um narrador não participante ou por um personagem que convive com os outros na história narrada. Isso nos leva ao modo como se constrói o ângulo de visão e o ponto de vista.

No romance analisado, a narrativa gira em torno da guerra, existe uma relação entre ficção e história muito próxima. A guerra e a condição de sobrevivência dos personagens são o destaque de *A menina que roubava livros*, a sequência de fatos, as ações e reações dos acontecimentos estão ligados pela narrativa da personagem Morte.

A Segunda Guerra iniciou-se, em setembro de 1939, com a invasão da Polônia pela Alemanha nazista, comandada por Hitler. A Inglaterra declarou guerra à Alemanha temendo novas invasões e o fortalecimento do império alemão. O conflito estendeu-se, na Europa, até maio de 1945.

Para Hobsbawm (2001) a Segunda Guerra Mundial pode ser respondida em duas palavras: Adolf Hitler. Suas perdas são literalmente incalculáveis, matou tão prontamente civis quantas pessoas de uniforme, e grande parte da pior matança se deu em regiões, ou momentos, em que não havia ninguém a postos para contar ou se

importar. As mortes diretamente causadas por essa guerra foram estimadas entre três e quatro vezes o número da Primeira Guerra Mundial. Estimou-se que maio de 1945 havia talvez 40,5 milhões de pessoas desenraizadas na Europa.

A guerra matou muitas vidas, destruiu propriedades, e provavelmente teve mais consequências ao longo prazo que qualquer outra guerra na história. As marcas da guerra e as mortes nessa época também ficaram registradas e narradas em *A menina que roubava livros*.

### 3. Percorrendo o caminho da morte na literatura

O autor do romance, logo no início já dá voz a personagem Morte, deixando-a que faça as devidas apresentações e suas primeiras observações. E assim, no prólogo do romance a Morte faz sua apresentação (ZUSAK, 2008, p.8):

Eu poderia me apresentar apropriadamente, mas na verdade, isso não é necessário. Você me conhecerá o suficiente e bem depressa, dependendo de uma gama diversificada de variáveis. Basta dizer que, em algum ponto do tempo, eu me erguerei sobre você, com toda a cordialidade possível. E levarei você embora gentilmente.

Enquanto na vida real a morte é o fim certo e evitado por todos, na literatura ironicamente a morte aparece como várias facetas, como personagem ou mesmo com o um fim trágico de uma narrativa. Machado Assis (1839 – 1908) grande escritor brasileiro, também deu voz a morte, a um “defunto autor” em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Após a morte Brás Cubas de forma irônica coloca seu ponto de vista sobre a sociedade da época através da fala de um defunto, condição da qual se encontra.

Algum tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar o meu nascimento ou minha morte. Suposto o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferentemente método: a primeira é que eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor, para quem a cama foi outro berço; a segunda é que o escrito ficaria assim mais galante e mais novo. (ASSIS, 1997, p.17).

Também no conto *A terceira margem do rio* de João Guimarães Rosa (1908 – 1967), onde o autor narra a história de um homem que foge de toda e qualquer convivência com a família e com a sociedade, preferindo a completa solidão do rio,

navegando dentro de uma canoa. Por contradizer os padrões normais de comportamento, ele é tido como um desequilibrado.

O narrador-personagem é seu filho e relata todas as tentativas da família, parentes, vizinhos e conhecidos de estabelecer algum tipo de comunicação com o solitário remador. Contudo o pai recusa qualquer contato.

Sofri o grave frio dos medos, adoeci, Sei que ninguém soube mais dele. Sou homem, depois desse falimento? Sou o que não foi, o que vai ficar calado. Sei que agora é tarde, e temo abreviar com a vida, nos rasos do mundo. Mas, então, ao menos, que, no artigo da morte, peguem em mim, e me depositem também numa canoinha de nada, nessa água, que não pára, de longas beiras: e, eu rio abaixo, rio a fora, rio a dentro – o rio. (ROSA, 2001, p.85)

O conto mostra o destino pessoal face à morte. A perda de uma pessoa querida e aceitação do destino todo ser humano. O rio como a representação do tempo que continua correndo, assim como a vida. O tempo que involuntariamente nos conduz ao destino certo que escapa ao nosso controle, a morte.

Em *Auto da barca do inferno* de Gil Vicente (1465 - 1536?), obra teatral escrita em 1517 durante a transição entre Idade Média e Renascimento, tendo como foco a morte e a entrada para o céu ou inferno. Em resumo: depois da morte todos são encaminhados a um rio onde duas embarcações esperam. Uma onde um anjo espera levaria os mortos ao paraíso, outra onde um Arrais infernal e um companheiro levariam os que ali embarcassem para o inferno.

À barca, á barca, hu-u!  
Asinha, que se que ir!  
Oh, tempo de partir,  
Louvores a Berzebu!  
-Ora, SUS! Que fazes tu?  
Despeja todo esse leito! (VICENTE, 2001, p.11)

Outra peça famosa que explorou o tema da morte foi *Hamlet*, é a peça mais longa escrita por William Shakespeare (1564 – 1616). A peça, ambientada na Dinamarca, reconta a história de como o Príncipe Hamlet tenta vingar a morte de seu pai, Hamlet, o rei, executado por Cláudio, seu irmão que o envenenou e em seguida tomou o trono casando-se com a rainha. O mundo de buscas, julgamento, vingança, amor, morte e outros temas são desenvolvidos. Embora seja importante deixar claro que

vingança é o tema central, a morte é outro aspecto importante já que não há menos que nove mortes na peça, uma antes de começar e oito durante o curso da ação.

Esta é a hora enfeitada da noite,  
quando os túmulos se abrem  
e o próprio inferno escancara sua boca  
para empestiar o mundo.  
Agora eu poderia beber sangue quente,  
e fazer coisas que o dia não  
poderia assistir, sem tremer. (...)

A Morte no romance *A menina que roubava Livros* é uma personagem ilustre que descreve os acontecimentos de modo tão sutil. Apresentada pelo autor de modo menos caricato, nada de capuz preto e foice, nem mesmo a o simbolismo da caveira. Embora a ilustração da obra mantenha essa imagem. A Morte seria uma personagem simples, fúnebre, solitária, justa e sincera. Aterrorizada pelas atrocidades de um mundo violentado por uma guerra e que encontrou nos olhos da menina Liesel uma cor até então desconhecida. A Morte se encontrou com a roubadora de livros a primeira vez em um vagão de trem, e desse encontro, ela jamais se esqueceu.

#### **4. Personificação da Morte**

A morte é caracterizada pelo mistério, pela incerteza e, conseqüentemente, pelo medo daquilo que não se conhece, pois os que a experimentaram não tiveram chances de relatá-la aos que aqui ficaram. Todas as menções sobre a morte desafiaram e desafiam as mais distintas culturas, as quais buscaram respostas nos mitos, na filosofia, na arte e nas religiões, buscando assim pontes que tornassem compreensível o desconhecido a fim de remediar a angústia gerada pela morte. Da morte, fazemos relações de acontecimentos com outros que morrem por acidente ou doença de forma precocemente, ou ao envelhecer, que para muitos significa a aproximação do fim da existência, aonde tudo termina. O horror que sentimos pelo envelhecimento também está ligado às mudanças do corpo e a beleza. A humanidade está vivendo uma época em que os valores espirituais foram sendo substituídos pelos valores materiais e as pessoas iludidas passaram a cultuar somente a juventude e a beleza exterior. Infelizmente, boa parte de nossa sociedade ver o envelhecer como decadência e morte.

Carregamos dentro de nós o sonho da imortalidade. Parece que no fundo não nos conformamos com o fim de nossa existência neste mundo. O cantor e compositor brasileiro Gilberto Gil canta a morte de uma forma irônica, retratando em sua canção o medo e as certezas do fim, que acaba no sentimento contrário de não temer o final da vida, em que na canção *não tenho medo da morte* aparece várias vezes.

não tenho medo da morte  
mas medo de morrer, sim  
a morte e depois de mim  
mas quem vai morrer sou eu  
o derradeiro ato meu  
e eu terei de estar presente  
assim como um presidente  
dando posse ao sucessor  
terei que morrer vivendo  
sabendo que já me vou.<sup>1</sup>

Sentimento de tristeza decorrente da perda de um ente querido faz parte da vida, a tristeza ou ironizar essa situação é um sentimento legítimo humano, pode ser simplesmente um registro de nossa sensibilidade. A temática da morte contribui para empurrar a agonia e a morte para longe do olhar dos vivos e para os bastidores da vida normal nas sociedades que tem preocupação em vida de acumular bens de consumo e dinheiro para morrer com tranquilidade, ideia dividida por muitos indivíduos que pensam no futuro da família, não deixando dívidas ou os componentes da família em situação precária, o que é uma ironia, acabam deixando de viver por excesso de trabalho ou preocupação com dinheiro.

Em *A menina que roubava livros* a Morte ganha status de personagem e narrador, este fato não é só mais um elemento do enredo da história, a Morte aproxima do leitor, fazendo que sua imagem fique mais amigável, mais próxima ao ser humano, e sua aparição é um mero fenômeno natural que cabe a ela a cumprir.

É a Morte, não o ato de morrer que é personagem narrador, foi humanizada pelo autor que tornou a Morte uma senhora ou senhor carismático, sentimental e cheio de opiniões, mesmo que desde o início ela force uma frieza. A narração é criativa, uma narração em primeira pessoa, onde ela está em terceiro plano.

---

<sup>1</sup> Cifra Club | NÃO TENHO MEDO DA MORTE - Gilberto Gil. Disponível em: <http://letras.mus.br/gilberto-gil/1288009/>. Acesso em: 17 de agosto de 2014.

Com absoluta sinceridade, tento ser otimista a respeito de todo assunto, embora a maioria das pessoas sintam-se impedida de acreditar em mim, sejam quais forem meus protestos. Por favor, confie em mim. Decididamente, eu sei ser animada, sei ser amável. Agradável. Afável. E esses são apenas os As. Só não me peça para ser simpática. Simpatia não tem nada a ver comigo (ZUSAK, 2008, p.8).

A personificação da Morte é um elemento importante na narrativa, ela é capaz de transmitir fatos na história da personagem Liesel, com detalhes tão penetrantes e sensíveis de um olhar cuidadoso de quem sente e entende o que se passa na vida de uma pessoa, ou mesmo o próprio sentido de sobrevivência.

Sim, lembro-me dela com frequência e, num de meu vasto sortimento de bolsos, guardei sua história para contar. É uma dentre a pequena legião que carrego, cada qual extraordinário por si só. Cada qual uma tentativa – uma tentativa que é um salto gigantesco – de me provar que você e sua existência humana valem a pena.  
Aqui está ela. Uma dentre um punhado.  
A menina que roubava livros.  
Se quiser, venha comigo, Vou lhe contar uma história.  
Vou lhe mostrar uma coisa. (ZUSAK, 2008, p.14-15.)

No lapso de tempo entre 1939 e 1943, Liesel Meminger encontrou a Morte três vezes, e em todas, ela saiu ilesa. Assim, os acontecimentos da vida de Liesel são assistidos atentamente pela Morte em uma Alemanha tomada e marcada pela guerra, pelo nazismo, em tempos em muitos preferiam morrer. “Observaria os lugares em nos cruzássemos e me deslumbraria com que a menina viu e a maneira como sobreviveu. Isso é o melhor que posso fazer – ver aquilo se encaixa em tudo o mais de que fui espectadora naqueles tempos.” (ZUSAK, 2008, p.14).

Depois de perder o irmão caçula, Liesel é deixada pela mãe com Hans e Rosa Hubermann, na rua Himmel, uma área pobre de Molching, uma cidade muito pequena nas proximidades de Munique. Hans é um pintor desempregado que toca acordeom para ganhar alguns trocados a mais, uma vez que a guerra reduziu o trabalho de pintor; Rosa é dona-de-casa, juntamente com o trabalho da casa, ela lava roupas para outros moradores da cidade, forma que ela tem de sustentar a família.

Quando Liesel chega à casa dos Hubermann, traz consigo o primeiro livro que havia roubado: O manual do coveiro. Esse foi um dos livros que ela roubaria durante quatro anos. Esse hábito que lhe concedera o apelido: a roubadora de livros.

Da viagem triste em que perdera o irmão e a mãe, a qual foi embora, Liesel percorre uma nova vida. A vida pobre dos Hubermann, e o peso da guerra transformam

Liesel numa menina que anseia pela vida e por coisas melhores. Liesel tem dificuldade com a leitura e os pesadelos que lhe aterrorizam as noites são acalmados pela presença de Hans, o qual lhe auxilia na leitura, lendo os livros enquanto lhe faz companhia antes da chegada do sono.

A vida de Liesel é contada paralelamente aos “Os Diários da Morte”, em que a Morte como narradora relata o que acontece durante a guerra:

Diário da Morte: 1942

Foi um ano para ficar na história, como 79 ou 1346, para citar apenas alguns. Esqueça a foice, diabos, eu precisava era de uma vassoura ou um rodo. E precisava de umas férias.

UMA VERDADEZINHA

Só uso um manto preto com capuz quando faz frio.

E não tenho aquelas feições de caveira que vocês

Parecem gostar de me atribuir à distancia.

Quer saber a minha verdadeira aparência?

Eu ajudo. Procure um espelho enquanto eu continuo. (ZUSAK, 2008, p.221).

A Morte escolhe o que relatar e como, de seu ponto de vista, de seu olhar sobre os acontecimentos e sobre os seres humanos. A humanização da Morte é uma preocupação do autor, deixando a todo o momento uma mistura na linha entre natural e o sobrenatural. O medo e o temor são deixados de lado pelo leitor, a Morte ganha feições humanas nas linhas do texto. Enquanto o autor aproxima a Morte das características físicas humanas deixa também marcas dos dilemas humanos: “Na verdade, sinto-me complacente comigo mesma neste momento, a lhe contar tudo a respeito de mim, mim, mim.” (ZUSAK, 2008, p.221).

A Morte sempre está por perto, vê todas as coisas que acontecem enquanto faz seu trabalho. Suas inferências permanecem durante toda a narrativa como uma narradora intrusa, sempre lembrando o leitor o fato de sua existência.

A sociedade é observada pela morte que fica surpresa com a forma de como destruímos o mundo a nos mesmos. A Morte no romance é sempre uma configuração esquemática, física ou psicologicamente, que de acordo com a elaboração de seu criador é um ser totalmente projetado por palavras. Talvez uma das funções no romance de Zusak é mostrar a capacidade do homem em destruir a vida, ao mesmo tempo em que mostra o valor da vida. No final a narradora Morte deixa suas últimas palavras (ZUSAK,2008, p. 386): “Os seres humanos me assombram”.

### **Considerações:**

Ao final da leitura de *A menina que roubava Livros* é pertinente que o leitor faça uma reflexão sobre a vida. A obra deixa em aberto o sentimento de medo e angústia que torna o ser humano mais vulnerável da lembrança de ser mortal. Somos seres humanos marcados pela temporalidade da vida e lutamos contra a ideia de nosso fim.

O tema morte na Literatura aparece de forma irônica, fantasiosa e trágica, mas não reduz os efeitos que as idéias construídas em torno da morte têm causado no homem, em diferentes momentos históricos. A morte é, pois, tema tão antigo quanto o homem.

Em *A menina que roubava Livros* a morte nos apresenta Liesel, uma menina diferente, que encanta, emociona, e faz com que a colecionadora de almas se interesse por ela a ponto de contar sua história. O contexto histórico da narrativa é a época da Alemanha nazista, marco histórico repleto de morte, sangue e pavor. A personagem Liesel conhece cada uma dessas coisas com o decorrer de sua própria vida. Geralmente a morte nos assombra de modo bizarro, e praticamente tudo que fazemos é para escapar da morte, mas como é discutido na obra de Zusak, a morte nunca nos escapa ela sempre vai nos encarar.

O homem tem criado formas de reduzir sua angústia e medo frente à morte, através de desenvolvimento de remédios e plásticas, tudo numa ilusão para fugir do destino certo, tentando negar a única certeza da vida, a morte.

### Referências:

ASSIS, Machado de. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. São Paulo: Editora Ática, 1997.

CAPUTO, Rodrigo Feliciano. **O homem e suas representações sobre a morte e o morrer: um percurso histórico**. Revista Multidisciplinar da UNIESP. Disponível em: <http://www.uniesp.edu.br/revista/revista6/pdf/8.pdf>. Acesso em: 21 de Julho de 2014.

**Caverna do Poeta: Hamlet (trechos)**. Disponível em: <http://cavernado poeta.blogspot.com.br/2011/07/hamlet-trechos.html>. Acesso em: 22 de Julho de 2014.

Cifra Club. **NÃO TENHO MEDO DA MORTE** - Gilberto Gil. Disponível em: <http://letras.mus.br/gilberto-gil/1288009/>. Acesso em: 17 de agosto de 2014.

FILHO, Domínio Proença. **A linguagem literária**. São Paulo: Editora Ática, 2007.

GANCHÓ, Cândida Vilarés. **Como analisar narrativas**. São Paulo: Editora Ática, 2006.

HOBBSAWN, ERIC. **Era dos Extremos: o breve século XX: 1914 – 1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

**Interpretando Hamlet – Antroposmoderno**. Disponível em: <http://www.antroposmoderno.com/textos/interpretando.shtml>. Acesso em: 22 de Julho de 2014.

ROSA, João Guimarães. **Primeiras Estórias**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2001.

VICENTE, Gil. **Auto da Barca do Inferno**. São Paulo: Editora Klick, 2001.

ZUSAK, Markus. **A menina que roubava livros**. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2008.